ANO 12.º — Sabado, 26 de Abril de 1919 — Numero 570

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Infeliz situação!

A politica portuguêsa está dando o mais triste e deploravel espectaculo que a historia de uma época póde registar.

Num jogo de miseras paixões que,com o mais criminoso impudor, se sobrepunha aos gráves momentos que o país atravessa, preciso se tornou que uma ameaça surgisse do povo, para que, atabalhoada e atribiliariamente, se conseguisse a organisação dum governo que foi, para todos, uma verdadeira e desoladora surprêsa.

Não correspondendo á hora soléne que nos envolve, a acção governamental tem sido absolutamente nula e de nenhum proveito ou remedio para tantos e tantos males que nos assoberbam e afrontam, males que se não modificam com discursos, com sessões solénes, com jantares e merendas, mas com medidas criteriosas, justas, decididas e energicas, que ninguem vê, embora todos reconheçam a sua necessidade.

Uma das medidas que,pela sua naturêsa,logica e materialmente se impunha, seria a liquidação rapida e pronta da ultima aventura monarquica, no que diz respeito ao julgamento dos responsaveis por essa infeliz cartada.

Quando do fracassado movimento republicano de 31 de Janeiro de 1891, a 6 de fevereiro estavam constituidos os conselhos de guerra e poucos dias depois liquidavam-se responsabilidades, julgando os implicados na gloriosa jornada.

São decorridos quasi tres mezes após o ultimo acto da farça conceirista e ainda se fazem prisões e principiam agora os primeiros interrogatorios aos culpados, prometendo-se assim prolongar por longo e indefinido periodo, uma situação em que tudo havia a lucrar, liquidando-a no mais curto praso de tempo.

Contudo, os passeios ministeriaes multiplicam-se e prolongam-se; desencadeiam-se em volta das secretarias de Estado verdadeiros ataques de pretendentes aos logares que se supõe vagarem; sucessivos conselhos de ministros se ocupam na discussão inutil e esteril de ambiciosas pretenções e tricas várias de regedoria, e assim se vão passando os dias sem a promulgação duma medida, a adopção dum estatuto, que traga ao país um resultado benéfico e prático a qualquer dos tantos males que o aflige!

A fóme alastra pavorosamente por toda a parte, levando o povo ao cometimento de actos de louco desespero; os açambarcadores continuam impunes na sua acção criminosa e deshumana; a baixa politica aumenta a lista das vitimas do seu odio, multiplicando-se assustadoramente o numero dos revoltados; as classes operarias continuam ao abandono; não ha, enfim, a encaminhar os dirigentes da publica administração uma lufada de bom senso que lhes seja indicado pelo verdadeiro amor da Patria.

Poderá isto continuar?

Em volta da mais insignificante porcaria politica, as reuniões não cessam, as conferencias não terminam, as intrevistas *entre os mais cotados homens publicos*, não teem fim. Por outro lado: as questões de verdadeiro interesse publico, as que implicam a vitalidade, o brio nacional e até a prova do valor intelectual e patriotico dos homens nas mãos de quem estão os destinos da Patria, essas são questões secundarias, questões importunas, que ficam para se resolverem... por si mesmas, quando se resolverem!

Por desgraça nossa ninguem se entende, nem ao menos no ponto que a todos devia interessar: a consolidação e dignificação da Republica.

Infeliz situação!

Films...

Em plena Falperra

Contam os jornaes de Lisboa que foram recentemente presos por andarem pelos estabelecimentos, intitulando-se fiscaes das subsistencias para melhor estorquirem dinheiro aos respectivos proprietarios, dois guardas do corpo de segurança,pertencentes um á 1.ª esquadra (governo civil) e o outro á 5.ª.

Isto depois duma reforma tão completa como radical. Que faria se a selecção ainda estivesse por realisar...

Condecorações

E' na pae! o que aí vai delas distribuidas a êsmo pelos paladinos da Republica... *democratica!* Até antes da revolução de Dezembro eram os diplomas de revolucionario civil que andavam na balha. Agora são os penduricalhos, como ámanhã devem ser os titulos nobiliarquicos, etc., etc.

Mas os senhores não nos dirão, afinal, em que querem transformar esta Republica eivada já de tantos vicios que até parece uma monarquia... de barrête frigio?!...

E nós a apitar...

Dizem da Beira que, no porto daquela belissima cidade africana, se encontram ha muitos mezes dezoito mil sacas de explendido milho da Rodesia para vir para Lisboa, sem que até hoje tenha sido embarcado ou se lhe proporcione qualquer destino tendente a evitar a sua deterioração.

O' desleixo! O' incuria! O' desmazêlo! Até quando abusarás da evangelica paciencia daqueles a quem esse milho faz tanta falta?

Uma conquista

Por proposta do respectivo ministro, acaba de ser decretado o dia normal de trabalho, fixado em 8 horas de duração, isto a começar em 1 de maio proximo, que será considerado feriado nacional.

O povo das oficinas prepara-se para festejar condignamente a grande conquista que a concessão da Republica Portuguêsa representa para as suas reivindicações, e nós, que jámais deixámos de o acompanhar nas suas reclamações, quando elas são justas, daqui o saudâmos conscios de que saberá corresponder com o seu reconhecimento ás inumeras deferencias que, pelo Estado, lhe tem sido tributadas.

Pague e não bufe

Veio já a publico a cifra que a Alemanha dizem que terá de pagar de indemnisação de guerra aos aliados. Em moeda portuguêsa são nada menos de 32 milhões de contos. Claro, sem incluir as atrocidades que cometeu. Porque essas não ha ouro que as pague, alma que as esqueça, coração que as perdõe. E' uma divida que hade ficar eternamente em aberto.

Suscetibilidades

O correio trouxe-nos esta semana, devolvidos, dois exemplares de *O Democrata*: um que era endereçado ao snr. dr. André dos Reis, outro á redacção do orgão evolucionista local de que s. ex.ª é director, o *Distrito de Aveiro.*

Que significa isto? Sem preambulos significa apenas que o sr. dr. André dos Reis acaba de cortar comnosco as relações! Nem mais nem menos. E porquê? Incontestavelmente por causa da polémica com o medico Lopes de Oliveira.

Quer dizer: o dr. André ataca Lopes de Oliveira no seu jornal, fazendo-lhe gravissimas acusações. Por sua vez, Lopes de Oliveira defende-se no *Democrata*, onde costuma colaborar, mas fa lo com o seu nome, chamando a si todas as responsabilidades. O *Distrito* returque-lhe para bater em retirada e, por fim, Lopes de Oliveira dá a ultima demão na contenda, dirigindo-se da maneira que se viu ao seu acusador, que, não vendo outra saída mais airosa, resolve interromper as relações com quem nada teve com a debatida questão!

Com franquêsa, dr. André: a sua atitude para com este periodico não é de jornalista, quanto mais de *jornalista distinto*, que acaba de apresentar *atestações* nesse sentido e quer passar aos olhos das gentes por figura marcante no pequeno meio onde vivemos. Não, não é. Embora esteja convencido do contrario, embora se julgue, com as taes *atestações*, superior como obreiro da penna ou politico, o dr. André dos Reis caía, estatelou-se... para não mais se levantar. Primeiro, porque tudo posto em circulação verdadeiras infamias contra um republicano de valor e de prestigio, se encolheu apenas viu o atingido rebater, uma a uma, as arguições que lhe eram feitas; segundo, porque, com o seu gesto, nos pretende atribuir responsabilidades que não nos cabem, visto tantas vezes havermos já declarado nestas mesmas colunas não termos coisa alguma com os escritos assinados ou simplesmente rubricados.

Além disso, o dr. Lopes de Oliveira é de casa e à gente da casa não se fecha a porta...

De resto, dr. André, ha ainda uma circunstancia para que devia olhar antes de nos dar baixa no rol dos amigos. Não se lembra, decerto, qual ela seja, mas nós avivamos-lha. Olhe: é uma grande falta de coerencia, para lhe não darmos outro nome. Pois não está o *Distrito*, pela sua penna, a tecer elogios a quem já o trouxe arrastado pelas ruas da amargura? Para quê, então, tanta suscetibilidade se ás duas por tres um homem, ou mesmo um *jornalista distinto* e com diploma, não é nada deante da ambição ou da conveniencia?

Doutor: pela parte que nos diz respeito lamentâmos que tão levianamente se tivesse lançado no caminho por onde acaba de enveredar e que se não é o melhor para chamar a si as simpatias que deseja numa terra onde tantos o amesquinham, rindo-se das suas atitudes, tambem está longe de ser o mais curto para o conduzir ao Capitolio pela falta de compreensão que representa o singular procedimento a que o obrigou o seu espirito pouco propenso ás grandes comoções...

A politica sempre arranja cada retalho...

Anibal Rezende

Da Beira, Africa Oriental, escreve-nos a felicitar o *Democrata* pelo seu aniversario, o nosso presado amigo Anibal Rezende, a quem o jornal é devedor das maiores atenções quasi desde a sua fundação.

Um abraço de reconhecimento ao fervoroso republicano de sempre.

E ESTA?

No nosso colega lisbonense *A Manhã*, do dia 22, lêmos:

Tendo o director da policia de Segurança do Estado sido assediado com sucessivas pressões de categorisadas individualidades republicanas, a favor de monarquicos declarada e ostensivamente inimigos da Republica, aquele funcionario, segundo nos consta, tem repelido e continuará sacudidamente repelindo quaesquer sugestões da naturêsa das que se teem vindo ultimamente declarando.

O' sr. director: e porque não prende V. Ex.ª esses republicanos e os manda meter na enxovia?

PELA IMPRENSA

"O Combate"

Dirigido pelo sr. Alfredo Franco, apareceu em Lisboa um diario socialista da manhã, que nos deu a honra da sua visita e para o qual vão as nossas saudações afetuosas com o desejo de crescentes prosperidades.

O *Combate* apresenta-se magnificamente redigido, insere esmerada colaboração e não fica atraz dos melhores propagandistas do crédo que defende. O operariado tem nele um baluarte e por isso bem deve merecer o seu apoio para que bréve se transforme num grande orgão da imprensa.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

HOJE

E' hoje que o novo nuncio em Lisboa, monsenhor Locatelli, vai ao palacio de Belem entregar as suas credenciaes de representante do Vaticano ao sr. Presidente da Republica.

Ao acto, que será revestido de grande solenidade, assistem os membros do governo e outras entidades de representação que, no fim, devem ser absolvidas, em nome do Papa, de quaesquer *faltas* a que a lei de Separação da Igreja do Estado tenha dado origem...

Só temos pena que o sr. Afonso Costa não esteja cá para assistir a mais esta derivante da obra que preparou.

O "reino" do Porto

A constituição do... meio ministerio monarquico deu logar aos mais picarescos comentarios, especialmente ao lêr-se o Solari Alegro, o bandido chefe da quadrilha dos reais *trauliteiros* como *ministro do reino!*

O sicario que mandava assassinar creaturas indefêsas nas ruas e nas prisões; o tarimbeiro *salerene* que ordenava os assaltos noturnos a transeuntes desprevenidos; o quadrilheiro gatuno que mandava destruir lares,que deviam ser sagrados, por irmãos do mesmo sangue, mas apossando-se primeiro do que fizesse conta; que mandou até—suprema das infamias!—destruir escolas; o *trauliteiro mór*, o chefe dessa alcateia de bandidos covardes que só atacavam na proporção de dez contra um; o Solari Alegro, **ministro...** do reino!

Na verdade, foi precisa mais esta nota burlesca da farçada conceirista, para que entre a desolação dos republicanos se esboçasse o esgar doloroso de uma gargalhada que em tais circunstancias, o Solari, feito ministro, poderia provocar.

Nessa segunda-feira procurei um dos meus melhores amigos, o velho e intemerato republicano Raul Tamagnini. Já não o encontrei. Começára o exodo e enquanto era tempo, os bons republicanos que puderam faze-lo, aproveitando os ultimos meios de transporte, abalaram para o sul a pôr se á disposição do governo da Republica.

Do que foi a acção deste denodado democrata, desde Ovar até Aveiro, durante os 25 dias da tragi-comédia do Porto, vai ele dize-lo em bréve, nas suas *Memorias* que está preparando.

Mas voltemos ao Porto e á *Patria.*

Descreve o *inclito jornal* a scena da proclamação, a seu modo.

Massas enormes aclamando o *grande comandante*, o Couceiro; *entusiasmo intensamente delirante*, multidões compactas por toda a parte, *janelas apinhadas de senhoras*, aplausos que tomavam as proporções de apoteoses da figura do grande português; delirios que atingiram o rubro; nunca assistimos—diz Pereira de Souza na *Patria* de 20—nem contamos assistir jámais, a manifestações populares tão verdadeiramente historicas; mulheres ajoelhadas á passagem do Grande (com G maiusculo); outras que lhe beijavam as mãos...

O' supremo intrujão!!! Pois se o homem esteve na parada, a cavalo,e para a Batalha foi de automovel com as portinholas guardadas, como é que as tais mulheres ajoelhadas lhe beijavam a mão?!

São quatro colunas de descrição nestes termos, sendo preciso possuir-se uma dóse incalculavel de desfaçatez, de audacia e de impudor para se mentir com tanta impassibilidade.

E' certo que o papel não córa e Pereira de Souza tambem não é susceptivel de lhe subir o rubôr ás faces que o estanho fórra.

Mas agora, pasmem, ó gentes!, com a girandola final do mesmo:

«Feitas outras saudações, que parecia não terem fim, o nosso querido director, *dr. Pereira de Souza*, **um dos** *mais dedicados paladinos da Causa e a quem uma grande parte do seu exito se deve*, fez um discurso, etc.»

Hein!

Logo, ali, uma péga de frente...

Logo no dia seguinte, hein!...

O homem armava cêdo ao osso da recompensa.

Os oito anos da Republica foram de um insofrido banditismo demagogico, mas ele ia aguçando já os dentes para os ferrar no queijo da monarquia, enquanto o banditismo da demagogia azul e branca, a peior de todas as demagogias, lho permitisse.

* * *

Durante o dia várias manifestações, pobres na qualidade e na quantidade da gente que as compunha. Bastantes pés, mas poucas botas, como já disse não sei quem.

Trauliteiros, policia á paisana, guarda rial e muita garotada.

Vou dar uma volta pela baixa.

Passam grupos de trinta, cincoenta e cem creaturas, geralmente gente mal vestida, dando vivas á monarquia, a D. Manuel, ao exercito e á marinha, que em toda a comédia brilhara pela sua ausencia.

Na Rua de Santa Catarina havia umas quatro ou cinco bandeiras azues e brancas, na Rua de Santo Antonio uma meia duzia, nos Clerigos tres ou quatro, na Rua do Almada umas oito, na Rua Fernandes Tomaz duas!

Bastante gente de nariz no ar, curiosos. Grupos de manifestantes passavam numa berraria esfalfadora para

darem a noção de grandêsa e de imponencia.

A' mistura, tipos de caras patibulares olhavam provocadoramente para a gente que pelos passeios andava na curiosidade de assistir aos acontecimentos: gente incolor geralmente e muitos republicanos tambem.

Um grupo de quarenta ou cincoenta tipos, bandeira monarquica alçada, sóbe a Rua 31 de Janeiro e dobra numa berraria de vivas para a Rua de Santa Catarina. Proximo ás obras da casa Nascimento, no passeio, um grupo de dez ou quinze rapazes empregados no comercio e costureiras, assistem impassiveis. Os realeugos páram e redobram o vivorio. Do grupo nada.

Os manifestantes, voltados para o pequeno grupo, insistem nos vivas, tomando uma atitude ameaçadora e gritando sempre:

— Viva a monarquia!

— Viva Paiva Conceiro!

Vendo a atitude provocante do bando, um dos caixeiros do grupo curioso, respondeu prudentemente sósinho, numa voz de despresadora coacção:

— Viva.

Do bando, um pandilha qualquer, sublinhou:

— Ah! Custou... mas saíu.

Eram deste jaez os manifestantes monarquicos e desta imponencia as suas manifestações.

Comentando, desanimados por nada se saber do que se passava para o sul, reunimo nos á noite em minha casa, eu, o Joaquim Ferreira, o Eduardo Ribeiro e o alferes Brito.

Em frente, mesmo, uma das duas unicas bandeiras monarquicas que na rua se ostentavam.

— Então?

— Nada... Rasgam-se, pisam-se aos pés, queimam-se por toda a parte as bandeiras da Republica e chega-se á infamia de se invadirem as casas particulares, exigindo a entrega das que houvesse.

— Mas isso é uma violencia revoltante!

— E de Lisboa? E do sul?

— Diz *A Patria* que ha forças de cavalaria e artilharia no Parque Eduardo VII; que as restantes se manteem neutrais, que só alguns civis e a policia se mostram hostis á revolução, mas que esses grupos devem ser rapidamente dominados.

— E nada mais...

— Será isso verdade? Lisboa manifestar-se-á contra o regimen?

— Eu duvido—dizia um.

— Lisboa é essencialmente republicana—dizia outro.

— Eu não acredito nisso—dizia terceiro—a *Patria* procura alentar a revolução couceirista com essas noticias e nada mais. Lisboa é republicana e, de sobreaviso, com a traição que se deu no Porto, a couceirada não triunfa ali com a facilidade que o Pereira de Sousa diz.

— Mas, o momento era penoso e mau grado a incredulidade na *Patria* e um raio de esperança com que á força pretendiamos levantar o moral abatido, as inergias abandonavam-nos, a descrença empolgava-nos, a tristeza e a mágua pintavam-se nos rostos com todos os seus traços de amargura.

E, devo confessa-lo, o mais descrente era eu.

* * *

Nessa mesma noite, uma força importante de infanteria e artilharia, um total de 400 homens aproximadamente, com tres bôcas de fogo, seguiu em comboio especial para o Minho.

Era a primeira coluna de proclamação, sob o comando, julgo do capitão Sá Guimarães.

Humberto Beça

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala.*

'A Seguradora,

Esteve em Aveiro, onde veio com o fim de regularisar os serviços da acreditada companhia de seguros e reseguros de que é mui digno inspector, o snr. Antonio Carvalhal.

A *Seguradora*, que escolheu para seu representante nesta cidade o proprietario da *Chapelaria Aveirense*, snr. Victor Coelho da Silva, estabelecido na Rua Direita, efectua seguros de fogo, maritimos, rendas de casas, roubo, gréves, guerra, tumultos populares e paralisação de negocios, para o que se constituiu com um capital de 500 contos, tornando se logo desde o seu inicio credora da simpatia publica pelas vantagens que oferece e seriedade com que realisa todas as suas transacções, quer no Porto, onde tem a sua séde, quer na provincia onde possue os seus representantes, pessoas idoneas e de absoluta seriedade, como convém a companhias desta naturêsa. Estão lhe, por isso, reservadas as maiores prosperidades. E pois que o sr. Antonio Carvalhal, de Aveiro se não esqueceu, visitando-o em propaganda, estâmos por certos que não hade ter de que se arrepender a menos que os seus habitantes prefiram viver abandonados de qualquer auxilio em caso de sinistro.

Um pavoroso incendio

que se manifesta numa casa da Rua do Caes, pondo em risco os inquelinos

Na madrugada de terça-feira ultima, cêrca das 2 horas, um grupo de individuos que saía do café *Cisne da Arcada*, viu que do telhado duma das casas que fazem face á Rua do Caes, saíam labaredas e densos rolos de fumo, logo se convencendo que se desenvolvia um violento incendio pelo qual nem os moradores do edificio em chamas nem a visinhança, tinham ainda dado.

Apavorados pelas tragicas consequencias que adviriam a não serem tomadas imediatas precauções, e certificando-se onde lavrava o incendio, logo bateram ás portas, arremessando tambem pedras que estilhaçaram os vidros das janelas, sem que, apezar de todo este alarme, aparecesse alguma das pessoas que certamente deviam estar lá dentro.

Assim, esse grupo composto pelos srs. Joaquim de Souza Barros, Laurelio Guimarães, alferes Vicente da Silva, Abel Encarnação, Antonio Ferreira da Fonseca, Luiz Novaes e Eugenio Guimarães meteram ombros á porta de entrada, conseguindo arromba-la num esforço desesperado.

Franqueada a entrada, enquanto alguns dos individuos subiam para o 2.º andar, outros arrombavam a porta que no 1.º dá passagem para a parte interior desse andar e foi a esta altura de estrondos e gritos que acordou a dona da casa, a sr.ª D. Maria d'Apresentação Ferreira, que, em trajos menores, como estava no leito, apareceu, logo compreendendo a dura fatalidade que a envolvia. A seguir, aparecia tambem, mal coberto, o sr. Antonio da Maia, que, espavorido, junto com sua esposa, abandonava o seu quarto cujo tecto estava já envolto em chamas que lavravam furiosamente em todo o sotão da casa onde teve principio o incendio. Mais alguns momentos de demora e ter-se-ia hoje a lamentar uma pavorosa tragedia. Os donos da casa, que trabalhavam até cêrca da meia noite no estabelecimento, recolheram-se, cançados, especialmente o snr. Maia, que na madrugada anterior se erguera ás 4 horas, seguindo para Ovar, onde todo o dia se entregou a um movimentado labor respeitante á sua vida comercial e daí o peso do sôno que os envolvia.

O sr. alferes Vicente da Silva cedeu á dona da casa a sua capa e o sr. Maia, embrulhado num sobretudo, desceu tambem para a rua, tendo deixado no quarto o colete com o relogio, corrente e medalha de ouro, bolsa de prata com umas libras em ouro, um maço d'acções do Banco Popular, etc.

Naquele andar o prejuizo foi total, consumindo o fogo todo o *atelier* de modista onde existia grande e variada quantidade de fazendas, vestidos, cinco maquinas de costura, mobiliario de valor, pratas, louças, abundante quantidade de roupas brancas, enfim, todo o recheio da casa que, como é do publico conhecimento, era abundante e assaz valioso.

Na parte interior do 1.º andar, pois na da frente fica a Delegação do Banco Popular Português, que nada sofreu, dormia o caixeiro snr. Carlos de Barros Vasconcelos, que se salvou com o que poude haver á mão, sucedendo o mesmo ás criadas Maria e Rosa que estavam no 2.º andar e foram salvas nas mesmas condições que aproveitaram aos seus patrões.

Enquanto isto se passava, o fogo desenvolveu-se horrorosamente e a tranquilidade atmosferica, que era absoluta, evitou, por certo, um maior sinistro.

Do rez do chão, onde se acha montado o armazem e mercearia que gira sob a firma Maia, Martins & C.ª, Suc.ª, numa faina violenta foram retiradas as mercadorias existentes que eram arrumadas ao longo da cortina do caes.

As duas companhias de bombeiros compareceram imediamente, prestando relevantes serviços. Trabalharam com verdadeiro denodo, notavel abnegação e ao seu esforço insano se deve a localisação do incendio, que tudo ameaçava devorar. Pena foi que o material estivesse tão damnificado, dificultando sobremaneira a rapidez no ataque, especialmente as mangueiras que estão rotas quasi em toda a sua extensão.

Compareceu um piquete de infanteria que distribuiu sentinelas para guardar os salvados e impedir o transito pela frente do predio incendiado.

Os trabalhos de extinção e rescaldo prolongaram-se pelo dia adiante, havendo várias vezes necessidade de atacar com mais violencia, visto que o fogo resistia ás tentativas para o seu exterminio.

A causa do incendio não se póde precisar. Usava-se em casa, para cosinhar, o *saricoté* e no sotão havia uma porção de serradura, que a criada aplicava nesse aparelho. Seria faúla que ali caíu ou quê?

No sotão existiam camas e mobiliario vário, algum do dono da casa e outro duma pessoa de familia.

Uma nota internecedora foi a aparição dum gato na varanda do andar incendiado, miando angustiosamente e numa ansia, num desespero que emocionava toda a assistencia. Então o bombeiro João Nunes, o *Cagica*, trepou por uma escada e defrontando se não só com as chamas mas tambem com o calor elevadissimo que irradiava do andar invadido, arrancou o pobre animal á morte certa e horrorosa, entre o aplauso e satisfação de quantos presenciaram o acto de humanidade por ele praticado.

Os haveres do sr. Maia estão seguros na *Nacional*, por quantia muito inferior ao seu valor, assim como o predio, que é propriedade das filhas da falecida snr.ª D. Tereza Paes, está na *Beira*, por quatro contos.

Edificante

—=(*)=—

O *Diario do Governo*, n.º 84, de 12 do corrente, 2.ª série, insere uns despachos que por si só classificam a criteriosa elevação dos que presentemente superintendem nas cousas publicas.

Veja o leitor, veja e aprecie, e certamente se engrandecerá, como nós, ao conhecer quanto interessa á governação publica o estabelecimento de tão bôa doutrina e respectivas consequencias.

Ministerio das Finanças

Secretaria Geral

Por decreto de 26 de março ultimo anotado pelo Conselho Superior da Administração Financeira do Estado, em 11 do corrente:

Manuel Antonio das Neves, exonerado do logar de guarda portão do Ministerio das Finanças.

Por decreto da mesma data, visado pelo Conselho da Administração Financeira do Estado, em 11 do corrente:

Manuel Antonio das Neves, nomeado, ao abrigo e conforme o espirito das disposições do decreto n.º 5229, de 11 de março ultimo, por conveniencia urgente do serviço, para o logar de terceiro oficial do quadro da Direcção Geral da Contabilidade Publica.

Secretaria Geral do Ministerio das Finanças, 11 de abril de 1919.

O secretario geral,

M. M. A. DA SILVA BRUSCHY

Conclue se daqui que o mais chapado ignorante, julgando-se ao abrigo e conforme o espirito das disposições do decreto n.º 5229—provar que é bastante republicano—está apto a desempenhar as mais elevadas funcções...

Muito bem, muito bem. Assim até faz gosto levar a vida a estudar... com aspirações a... guarda portão, onde ficará todo aquele que não puder provar que se encontra ao abrigo e no espirito do famoso decreto.

Ora bólas!

O LUXO

O governo lembrou se agora de tributar tambem os objectos de luxo, como se fez lá fóra durante a guerra, e vai de aí mandou a toda a pressa fazer estampilhas na Casa da Moeda que, ao que parece, estão destinadas a ir para o barril do lixo.

Um vintem por cada escudo desejava ele cobrar de vários artigos, alguns enfileirados indevidamente entre os que merecem a designação de luxo, mas o decreto veio tão serodio e os protestos que sugeriu são de tal naturêsa, que ou muito nos enganâmos ou fica tudo em aguas de bacalhau.

E se não, veremos.

Juiz... encravado

Ao contrario das noticias propaladas pela imprensa diaria, não é verdade que vá ser promovido a juiz do Supremo Tribunal de Justiça o juiz da Relação de Lisboa, sr. dr. Almeida Azevedo.

Segundo parece, este conhecido monarquico, que, na ultima situação, tambem desempenhou quaesquer funções, como muitos dos seus correligionarios, vai ser por completo afastado da magistratura.

O TEMPO

Os ultimos dias teem sido de verdadeira primavera, talvez com excesso de calor. Como, porêm, só beneficios traz nesta ocasião, oxalá eles se prolonguem.

Notas mundanas

Chegou de França, onde permaneceu largo tempo ao serviço do C. E. P., o nosso amigo e antigo deputado, dr. Marques da Costa.

=== Tambem regressou da Ilha da Madeira o secretario de Finanças da Ponta do Sol, sr. Eduardo Miranda.

=== Fez ontem anos o nosso conterraneo, dr. Antonio do Nascimento Leitão, distinto clinico, atualmente no desempenho de uma missão do governo, em Macau.

=== A'manhã fa-los o snr. João Rodrigues Conde, que desde a sua mobilisação se encontra adido ao Hospital Militar de Coimbra.

=== Recolheram á cama, bastante doentes, o capitão de infanteria Mario Gamelas, o sr. Antonio Vicente Ferreira e a professora de ensino primario, sr.ª D. Maria de La Salette Maia.

Chapéus para senhoras

Com um variado e abundante mostruario de chapéus para senhora, deve chegar no dia 4 do proximo mez a snr.ª D. Ana Teixeira da Costa, Rua Tenente Rezende, n.º 3-2.º, onde a qualquer hora póde ser procurada.

CARTA

—=(*)=—

Ainda a proposito do que escrevemos ácerca do livro *Rimas*, oferecido a esta redacção, trouxenos o correio, devidamente registada, a carta seguinte:

S|casa—Lisboa, 17—4—1919

Meu muito presado amigo

Confirmo a minha ultima, de ha dias, em que lhe apresentava o livro Rimas, *na mesma ocasião enviado, do meu particular amigo e nosso correligionario Emilio d'Assumpção Ernesto.*

Da sua obra, em que a par de muito sentimento aparece á luz da critica menos favoravel, uma vasta cultura intelectual, como o meu caro amigo muito bem diz, eu não falei o bastante na carta a que me refiro, dizendo-lhe: que o não fazia para, como amigo do autor, não levantar suspeitas. *Seria o meu laconismo, o possivel extravio da carta, ou o endereço do autor das* Rimas, *que foram registadas, errado, por equivoco dele proprio, ou meu, que originou a confusão do meu caro Arnaldo? Seja, como fôr, o meu telegrama urgente de ontem, que a sua imensa lealdade fará na integra publicar no proximo* Democrata *em logar bem legivel, repõe no seu logar Emilio d'Assumpção Ernesto, não me enfeudando os ouropeis de trabalho que me não pertence.*

Revindico para mim, orgulhoso e grato, as restantes referencias á modesta, mas sincera, leal e vigorosa propaganda pró 5 de Outubro, feita no seu destemido e honesto campeão do direito, o velho Democrata, *a* Patria, *de Ovar, e em Lisboa na* Vanguarda, *de Magalhães Lima, etc. E tambem, meu caro Arnaldo, a dóse relativa de esforço revolucionario, porfiado, extenuante, que preparou o desabar estrondoso do trono dos Bragangas.*

A meu lado, e, alguns deles, em posições mais arriscadas, pugnaram pela causa santa da sonhada redempção da Patria pela Republica, Manuel Dias Ferreira, Eduardo Shultz, João Lopes Soares, Garcia, Sá Cardoso, Alvaro Castro, Poppe, etc., etc., e sempre na barricada valiosa do Democrata, *de Aveiro, o nosso brioso Arnaldo nos acolheu galhardamente.*

Mas agora, reparo: esta carta não é para vir recordar as horas febris dos tempos aureos do nosso sonho purissimo: é apenas a reparação a que tem direito Emilio d'Assumpção Ernesto, que a publico trouxe, mais uma vez, as manifestações da sua inteligencia clara e do seu sentido estro de poeta.

As Rimas *pertencem-lhe e o meu caro Arnaldo, transcrevendo esta na integra, lh'as restituirá.*

Bréve, embora espaçadamente, voltarei um pouco á minha antiga colaboração, se dela os leitores do Democrata *se não enfastiarem.*

Com estima

Velho correligionario e amigo

Fernando Antonio Carneiro

Para completo esclarecimento do caso cumpre-nos declarar ao amigo Fernando Carneiro que a carta a que alude no principio de esta a não recebemos, pois de contrario seria impossivel o equivoco e consequentemente tudo o mais que se ha passado á roda do livro de Emilio Ernesto.

Coisas do correio, contra o qual não sômos dos mais queixosos, mas que se se pudessem evitar escusavam de dar origem a estes sarilhos.

NECROLOGIA

Não podendo resistir ao mal, que tambem aniqnilou a vida de seu marido, poucos dias antes, deixou de existir no sabado em casa de seus paes, onde se encontrava de visita, a sr.ª D. Clementina Rebocho, joven viuva do alferes de cavalaria Reinaldo de Campos Godinho.

O triste desenlace, que cobriu de luto duas familias respeitaveis, produziu a mais funda impressão na cidade que sentidamente deplora a sorte dos dois infelizes esposos.

* * *

Em Oliveira de Azemeis, onde vivia ha muitos anos, sucumbiu aos estragos duma febre tifoide, o snr. Lourenço Osorio, irmão do nosso velho amigo Carlos Tineo do Amaral Osorio, aspirante da Alfandega de Lourenço Marques.

Pertencia á antiga familia visconde de Almeidinha, desta cidade.

* * *

Faleceu na passada terça-feira na casa da sua residencia, á Praça do Comercio, o snr. Manuel Lourenço Dias, viuvo, capitalista, de 73 anos, natural de Pardelhas, vitimado por uma lesão cardiaca que ha tempos lhe torturava horrorosamente a existencia.

Caracter probo, bondoso, apaixonado partidario de tudo quanto significasse o progresso e a libertação da humanidade, a sua morte foi muito sentida por quantos apreciavam as suas boas qualidades de coração.

A seu filho e genro o nosso amigo Alexandre Prazeres, alferes de cavalaria 8 em comissão no arquipelago de Cabo Verde, a viva expressão do nosso sentimento.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 25

Por ter sido promovida a aspirante, consta que deixará em bréve a estação telegrafo-postal desta localidade, a sr.ª D. Olinda Pinto, crédora dos nossos encomios pelo zelo com que tem desempenhado as suas funções naquela repartição do Estado.

= Começaram com o bom tempo os trabalhos no campo, pelo que os lavradores não teem um momento de descanço.

E' a vida, em toda a sua plenitude que se agita e desenvolve, tornando se produtiva.

= Continuam a manifestar-se alguns casos de gripe e variola, não havendo, felizmente, nenhum fatal a registar, por enquanto.

= Na Oliveirinha faleceu, em idade bastante avançada, a mãe dos conhecidos lavradores, srs. João e Manuel Tomaz Vieira.

Devido a ser uma bôa dona de casa e á consideração que gosava em toda a freguesia, teve um funeral muito concorrido, não faltando, por assim dizer, ninguem a prestar-lhe as ultimas homenagens.

Pêsames aos seus.

= Tambem na séde da freguesia adoeceram os srs. João Tomaz Lameiro e Manuel Carvalho e a esposa do snr. Marcelino Tomaz Vieira.

C.